

A CAÇADA

COMO DERRUBAMOS PABLO ESCOBAR

STEVE MURPHY
E JAVIER F. PEÑA



ALTA CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

STEVE

Quando menino, eu era obcecado pela polícia. Morria de inveja de seus uniformes engomados de estilo militar e de suas viaturas que passavam a toda velocidade com as luzes piscando e as sirenes ressoando.

Eu sonhava em ser policial e capturar bandidos, principalmente se eles tirassem partido de gente inocente. Para mim, policiais eram super-heróis. Mesmo quando era um rapazinho crescendo no Tennessee, eu já sabia que a polícia era a minha vocação.

Nasci em Memphis, mas, quando tinha 3 anos, nós — meus pais, minha irmã mais velha e eu — nos mudamos para Murfreesboro, um pequeno município com vastos gramados e fazendas decadentes anteriores à Guerra de Secessão, ao sul de Nashville, no úmido interior do estado. Nada de mais acontecia lá desde a Guerra Civil. Na escola, aprendemos sobre a Batalha de Stones River, que ocorreu em Murfreesboro durante três dias no final de 1862 e no início de 1863 — um dos combates mais sangrentos da guerra, resultando em mais de 23 mil baixas tanto para os Confederados quanto para a União.

Aos 11 anos, enfrentei minha própria batalha histórica em um quintal do subúrbio. Ao relembrar o passado, não foi bem uma ba-

talha, e sim um momento decisivo da minha juventude. Foi quando fui pego em flagrante, semicerrando os olhos sob o clarão ofuscante das lanternas policiais — meu primeiro encontro com a lei.

Nos verões, eu e meus amigos acampávamos nos quintais uns dos outros. Deitávamos com nossos sacos de dormir na grama recém-cortada e observávamos as estrelas, ou nos amontoávamos em uma barraca pequena e assustávamos uns aos outros com nossas histórias inventadas de fantasmas, zumbis e assassinatos macabros até cairmos no sono ao som dos grilos e das rãs-touro-americanas. Os verões no Tennessee eram quentes, e não refrescava muito ao anoitecer, então, na maioria das noites, levávamos nossos sacos de dormir para fora das barracas e acordávamos de manhã cobertos de orvalho.

Em uma noite de verão, estava tão quente e abafado que ninguém conseguia dormir, então alguns de nós decidiram entrar sorrateiramente em uma das casas de nossos colegas de acampamento. Não sei bem por que fizemos aquilo, embora eu me lembre de que queríamos pegar de volta algo que achamos ser importante naquela ocasião. Enquanto discutíamos, cochichando ruidosamente, na tentativa de arrombar a janela de um dos quartos, ouvimos do nada o barulho de um carro se aproximando no escuro e soubemos que estávamos encrencados. Era uma viatura policial. Alguém deve ter chamado a polícia quando ouviu o alvoroço. Ficamos paralisados, amedrontados demais até para nos virarmos. Eu mal conseguia distinguir os dois policiais que saíram da viatura, já que os faróis me cegavam. Eles disseram para ficarmos parados, ainda que não precisassem ter dito nada, porque estávamos morrendo de medo até de nos mexer. Gotas de

suor escorriam pelo meu rosto enquanto eu levava minhas mãos à cabeça. Quando meus olhos se ajustaram à claridade, pude ver que os policiais eram altos e musculosos. Eles me pareciam ainda mais imponentes em suas fardas perfeitamente engomadas e suas botas pretas bem engraxadas. Respondemos ao mesmo tempo quando nos perguntaram se preferíamos ser levados ao gabinete do xerife do condado de Rutherford e colocados no xadrez ou se preferíamos que ligassem para os nossos pais. Todos sabiam o que aconteceria se os pais se envolvessem, então escolhemos, por unanimidade, ir para a cadeia. Os policiais tiveram uma crise de riso. Ficamos em posição de sentido, morrendo de vergonha e desconfortáveis, enquanto os policiais anotavam nossos nomes e endereços e nos escoltavam de volta para nossas respectivas casas, onde acordaram nossas mães e pais. De um jeito ou de outro, todos sobrevivemos àquela noite catastrófica, mas perdemos a vontade de acampar. Pelo menos durante aquele verão.

Ao longo dos anos, sempre pensei naquele primeiro encontro com a lei e no quanto admirei aqueles policiais por apelarem para o bom senso com um grupo de meninos baderneiros. Eu queria ser policial mais do que qualquer outra coisa, mas, anos depois, descobri que meus pais tinham planos diferentes para mim.

Cresci em um rígido lar da religião batista, o caçula de três filhos. Ou melhor, o caçula de dois. Um irmão mais velho morreu com apenas 3 anos, antes do meu nascimento. Minha irmã era 8 anos mais velha do que eu e passamos boa parte de nossa infância brigando intensamente.

Meu pai tinha 1,95m de altura e era a pessoa mais forte e inteligente que já conheci. Meus tios gostavam de contar que, quando jovem, ele adorava brigar e não perdia uma. Ele não tinha medo de nada nem de ninguém, e uma vez o convidaram para fazer um teste no Washington Redskins — oportunidade que ele rejeitou educadamente, visto que não considerava o futebol americano profissional uma carreira promissora.

Quando tinha idade suficiente, meu pai se voluntariou para o Exército dos Estados Unidos, mas teve que trapacear em seu exame físico para entrar. Meu velho tinha a visão do olho esquerdo comprometida. Ao fazer o exame, o médico pediu que ele cobrisse o olho esquerdo com a mão esquerda e lesse a tabela oftalmológica. Até aí, tudo certo. Mas, quando pediram para fazer o inverso no olho direito, ele simplesmente usou a mão direita para cobrir o olho esquerdo e passou no teste de visão!

Ele começou na infantaria e foi enviado para a Europa depois que o ataque a Pearl Harbor arrastou os Estados Unidos para a Segunda Guerra Mundial, em 1941. Devido ao seu porte e vigor físicos, ele trabalhou com os médicos socorristas militares na França e na Bélgica, transportava os soldados feridos para um lugar seguro e, quando necessário, os continha durante os procedimentos médicos.

Ao retornar da Europa, meu pai decidiu se matricular na Universidade Bob Jones, em Greenville, Carolina do Sul, para se tornar pastor. Ele foi o primeiro da família a cursar o ensino superior e, depois de se formar, se mudou com minha mãe e irmã para sua primeira igreja em Memphis, onde nasci. Mais tarde, em

Murfreesboro, ele passou por diversas igrejas pequenas e fazia trabalhos temporários com o intuito de ganhar uns trocados extras. Recordo-me dele indo de porta em porta para vender aspiradores de pó. Ele era muito bom naquilo e reafirmava constantemente que Deus o guiava e lhe dizia o que falar para fazer seu trabalho.

Com o tempo, Deus guiou meu pai para fora do ministério e rumo ao negócio de carpetes. Após conseguir um emprego em uma loja de revestimentos em Nashville, ele incentivou persistentemente seu irmão mais novo, reformado da Força Aérea dos Estados Unidos, a começar um negócio com ele. Os dois se saíram bem com sua incipiente loja de carpetes em Nashville, no entanto, existia bastante concorrência na cidade para que conseguissem expandir os negócios em grande escala, então decidiram procurar outro lugar.

Dois anos depois do meu encontro com a polícia, deixamos o Tennessee e nos mudamos para o Norte, para o estado natal dos meus pais, a Virgínia Ocidental, onde meu pai e meu tio estavam prontos para criar um império de carpetes e revestimentos. Fomos morar em Princeton, uma pacata cidade ferroviária, com mais ou menos 6 mil habitantes, circundada por jazidas de carvão e aninhada nas Cordilheiras dos Apalaches. Tínhamos fortes raízes familiares no estado, onde meus avós maternos se estabeleceram após emigrarem da Inglaterra. Meu avô trabalhou nas jazidas de carvão durante toda a sua vida adulta.

Não fiquei nem um pouco contente com a mudança. Como adolescente, fiquei triste em deixar meus amigos para trás, ainda mais por ser lugar onde eu era um dos garotos populares. Quando

as aulas começaram em Princeton, fui para o ensino médio, mas não foi uma experiência acolhedora. A molecada tirava sarro do meu sotaque do Tennessee, o que me parecia um comportamento típico da região Extremo Sul. Fiz de tudo e mais um pouco para me enturmar e acabou que aprendi a moderar o meu sotaque para igualar ao jeito como as crianças de Princeton falavam. Salvo os esportes e a igreja, parecia que minha nova cidade não tinha quase nada a oferecer para os jovens, embora mais tarde os líderes comunitários tenham reaberto uma antiga pista de boliche como centro juvenil e montado mesas de pingue-pongue, uma pequena lanchonete e uma pista de dança, onde dancei pela primeira vez com uma garota.

Em Princeton, meu pai e meu tio começaram a transformar sua loja em um negócio familiar bem-sucedido, e todos fomos recrutados para ajudá-los. Minha mãe se encarregava da contabilidade, atendia os clientes na loja, agendava a instalação dos serviços e encomendava os suprimentos da loja, enquanto meu pai e meu tio saíam para vender revestimentos de linóleo e carpetes aos seus clientes. Verdade seja dita, minha mãe era o corpo e a alma do negócio, e, se não fosse seu entusiasmo e trabalho árduo, o negócio poderia ter ido por água abaixo. Minha irmã também trabalhava meio período na loja. Ao completar 14 anos, comecei a trabalhar lá também. Meu pai nutria esperanças de que eu assumisse o negócio e acreditava que eu precisava começar de baixo. Entre as minhas tarefas estava varrer e esfregar o chão, limpar os banheiros e retirar o lixo. Com o tempo, passei para as visitas aos clientes, orientando-os na escolha dentre centenas de amostras de carpetes e linóleo.

Até hoje, lojas de carpetes me deixam claustrofóbico.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, enquanto outros adolescentes deixavam os cabelos crescerem, fumavam maconha, protestavam contra a guerra no Vietnã e lastimavam a separação dos Beatles, eu vivia em uma redoma de vidro em uma cidade apalachiana conservadora. Meu pai continuava sendo um disciplinador extremamente rígido, ainda que tivesse abandonado o ministério havia muito tempo. Até os 18 anos, eu não podia ir ao cinema e não podíamos jogar jogos de cartas — nem mesmo jogo do mico — em nossa casa. Meus pais proibiam minha irmã de usar calças ou shorts, e os vestidos tinham que ser bem abaixo do joelho. Quando nos pegavam fazendo alguma coisa errada, meu pai nos dava uma surra daquelas. Talvez para algumas pessoas pareça excessivamente rigoroso e, se isso ocorresse na sociedade liberal de hoje, talvez meus pais fossem acusados de maus-tratos. Mas foi assim que eu e minha irmã crescemos — com limites espartanos. Sabíamos o que podíamos ou não fazer, e o que era esperado de nós.

Como no Tennessee, nossa família frequentava a Primeira Igreja Batista em Princeton. Na época, eu não tinha o menor interesse em nada que tivesse a ver com religião ou reuniões da igreja, até assistir a uma apresentação do coral infantil. O coral se chamava Sounds of Conviction, conhecido pela abreviação Sounds. A primeira vez que os assisti, fiquei tão sensibilizado com a encenação profissional, com a iluminação e com o canto que entrei para o coral e só saí no meu último ano do ensino médio. Eu não era o melhor do coral, mas adorava o contato entre os jovens e fazer parte de um time. Viajamos por toda a Virgínia Ocidental

e Virgínia nos apresentando em escolas e igrejas. O show era tão popular que o coral aumentou de quarenta jovens, quando entrei, para mais de quatrocentos, quando saí.

Após o ensino médio, fui para a West Virginia University, em Morgantown, empolgado por estar sozinho e morar em um dormitório com outros jovens da minha idade. Segui a orientação dos meus pais e me matriculei em administração de empresas, só que eu não tinha interesse em aprender economia e finanças. Em retrospecto, reconheço que passei meu primeiro semestre em uma eterna festa. Quando saiu o resultado das minhas notas, meus pais decidiram que não gastariam mais um centavo com um caso perdido. Não posso culpá-los. Nas férias de Natal, empacotei a contragosto minhas coisas, deixei a West Virginia University e retornei para casa.

As amostras de carpetes se tornaram meu futuro.

Apesar disso, eu estava interessado em seguir a carreira policial e me matriculei na Bluefield State College (BSC). Sem o conhecimento dos meus pais, me inscrevi no curso recém-criado de administração de justiça criminal da faculdade. E, caramba, eu amei! Em 1975, no segundo semestre, me voluntariei para ser o primeiro aluno da BSC de um novo programa de estágio de verão no Gabinete do Xerife do Condado de Mercer e no Departamento de Polícia de Bluefield (BPD). Acabei conhecendo subdelegados e policiais de ambas as agências que me incentivaram a prestar o exame de admissão para me tornar policial. Estudei às escondidas e fiz o exame sem que meus pais soubessem. Quando os resultados saíram, tive a nota mais alta, e meu nome era o primeiro de

uma lista de possíveis contratações para o gabinete do xerife e para o departamento de polícia.

A BPD foi a primeira agência a me ligar e me chamar para uma entrevista de emprego. Foi então que tive que confessar aos meus pais que estava cursando a faculdade e que havia me candidatado em segredo para o exame de admissão à polícia. Meus pais eram bem mais espertos do que eu pensava e já haviam descoberto o que eu estava aprontando. Depois de passar no exame físico e na investigação de antecedentes, fui integrado como policial patrulheiro do BPD em novembro de 1975. Eu tinha apenas 19 anos de idade.

No dia em que fui experimentar meu novo uniforme, fiquei em êxtase, embora tenham me dito que eu era jovem demais para adquirir uma arma. No estado, a idade mínima para comprar uma arma era de 21 anos, o que significava que eu teria que convencer um dos policiais mais velhos a comprar minha primeira arma — um revólver Colt Python calibre .357 de aço inoxidável e 4 polegadas. Eu não esperava que meu pai ficasse contente com o meu sucesso, mas, de alguma forma, ele estava orgulhoso de mim, porque saiu e comprou a munição.

Apesar de ser um policial novato, patrulhar uma parte da cidade e ainda ter a minha cota de serviços administrativos, o que despertava a minha atenção eram os traficantes de drogas. O ano era 1976, e me parecia que as drogas ilícitas eram onipresentes. Mesmo naquela época, eu via o quanto as drogas eram nocivas à sociedade e como o tráfico de drogas e a dependência química destruíam a vida dos jovens. Em meados de 1970, a cocaína passava por um renascimento, tornando-se a droga recreativa prefe-

rida das socialites e celebridades nas discotecas e festas luxuosas em todo o país, principalmente no Studio 54 de Nova York. Em outros lugares, o *freebasing*, que significa inalar os vapores da cocaína em seu ponto de fusão, deixava os dependentes ainda mais chapados. Químicos clandestinos estavam fazendo experiências com o refino da cocaína em pedra, misturando bicarbonato de sódio e outras substâncias a fim de produzir o crack, entorpecente que teria consequências avassaladoras nas cidades interioranas norte-americanas na década de 1980. Além disso, com o fim da Guerra do Vietnã em 1975, centenas de soldados voltavam para casa completamente entregues ao vício em heroína.

No entanto, como jovem policial, a maconha já era tormento o bastante para mim e, em meu tempo livre, me via perseguindo indivíduos que encorajavam pessoas a fumarem maconha e passavam drogas. Em 1976, acabei conhecendo um informante que me contou a respeito de um traficante que estava vendendo quantidades maiores que meio quilo de erva. Naquela época, 454 quilos de maconha rendiam mais de US\$1.300. Liguei para Jack Walters, outro policial novato que era meu amigo mais próximo da corporação, e traçamos um plano para prender o delinquente em nosso dia de folga. Trabalhamos com o nosso informante e pedimos que ele entrasse em contato com o alvo.

Naquela noite, o informante telefonou para o alvo com o intuito de saber o preço de cerca de meio quilo de maconha. Passados menos de vinte minutos, combinamos de encontrá-lo em um posto de gasolina local para efetuar a compra. Eu e Jack nos escondemos nos fundos do posto de gasolina enquanto o delator conduzia a transação com o alvo.

Logo que avistamos o alvo tirando uma sacola pequena do carro, corremos para efetuar a prisão. O criminoso era um estudante do ensino médio de 17 anos, que morava em uma casa de classe média alta. Ele não precisava do dinheiro, mas assistia a filmes demais e achou que poderia se safar com seu pequeno empreendimento criminoso em uma cidade pequena, onde ele achava que os policiais não eram de nada.

Eu e Jack algemamos o adolescente apavorado e solicitamos a presença de um detetive. O detetive ficou perplexo com o fato de dois policiais novatos estarem envolvidos em uma apreensão de drogas bem-sucedida em seu dia de folga.

O garoto de 17 anos foi indiciado e, mais tarde, entregue aos seus pais. Felizmente para ele, chegou-se a um acordo judicial e ele obteve a suspensão condicional da pena. Por ser jovem, seu registro criminal foi apagado quando atingiu a maioridade e cumpriu sua suspensão condicional.

Apesar do meu sucesso, percebi que meu pai não estava tão feliz com a área de atuação que escolhi e estava claramente decepcionado por eu não ter seguido seus passos nos negócios da família. Depois de dezoito meses no departamento de polícia, a culpa tomou conta de mim e, em 1977, tirei uma licença de noventa dias para voltar à loja do meu pai e tentar mais uma vez trabalhar com revestimentos. Só que não durei nem dois meses; eu estava visivelmente infeliz e retornei ao departamento de polícia antes de minha licença acabar.

Então, quando eu já trabalhava como policial há cinco anos, meu pai finalmente me disse o quanto estava orgulhoso. Isso fez toda a diferença e me deu forças para seguir em frente.

E nunca mais olhei para trás.

JAVIER

Chorei durante todo o trajeto de cinco horas de Hebbbronville até Huntsville — que deveria ser o primeiro grande passo na minha carreira policial.

Eu era estudante de sociologia na Texas A&M University, em Kingsville, e tinha conseguido um estágio de três meses no departamento penitenciário do estado. Eu recebia crédito na faculdade e um pequeno salário para trabalhar na prisão onde o estado abrigava seus prisioneiros mais famosos, todos no corredor da morte.

Eu estava animado.

No entanto, meus pais se preocuparam com minha segurança e tentaram me convencer a não ir. Na verdade, havia outras coisas me segurando na minha cidade do sul do Texas. Minha família estava passando por maus bocados, porque minha mãe, Alícia, tinha acabado de ser diagnosticada com câncer de mama. Era um destino cruel para uma mulher temente a Deus, que levava uma vida saudável e nunca havia bebido uma gota de álcool ou fumado um cigarro. Ela ia à igreja todo domingo e sempre se preocupava em deixar uma refeição pronta para meu irmão mais

velho, Jorge; meu pai; e eu. Não era fácil equilibrar o orçamento em Hebronville. Tínhamos uma fazenda familiar que não dava muito dinheiro, e em todos os verões meu irmão e eu ajudávamos meu pai a reparar cercas e a lidar com o gado. Após anos de vacas magras, minha mãe ainda continuava bastante otimista, mesmo depois de ter perdido os dois seios devido ao câncer. Ela adorava ir ao bingo na igreja nas noites de sexta-feira. Sempre voltava dizendo que estava a um número de fechar a cartela, ainda que nunca ganhasse um centavo.

Lutando para conter os soluços, ela me implorou que ficasse. Meu pai, cujo nome era Jesus, mas a quem todos chamavam Chucho, advertiu que eu também estava cometendo um erro. Ele temia que meu estágio entre os prisioneiros mais cruéis do estado não fosse uma boa ideia. Era muito perigoso, disse ele. Isso vindo do meu pai, que era um cowboy e deixou sua marca na capital vaqueira do Texas! Ele não tinha medo de ninguém. Só que eu queria mais do que a fazenda que havia sido passada do meu avô para o meu pai, e onde minha família mal conseguia sobreviver. Tive que deixar os confins da minha cidadezinha ferroviária do Texas. Não podia deixar escapar a oportunidade de trabalhar pela primeira vez no setor penitenciário.

Fiz as malas com apenas algumas mudas de roupas, como se quisesse mostrar aos meus pais que em breve eu voltaria, que aquilo não era para sempre. Eu cumpriria minha promessa de estar ao lado da minha mãe para ajudá-la nos tratamentos de quimioterapia que ela estava prestes a fazer em Laredo. No entanto, meus pais me deram as costas e se recusaram a falar comigo.

Foi assim que deixei a casa em que vivi da infância aos 18 anos, com pesar no coração e imaginando se algum dia veria minha mãe viva novamente. Agora, ao olhar para trás, através do prisma de tantos anos, sei que eles devem ter ficado tão tristes quanto eu.

Assim que coloquei a chave na ignição e segurei o volante do meu Chevy Nova 1974, desatei a chorar. Eu havia comprado meu possante carro esportivo, marrom reluzente, com a grana que guardei colhendo melancias durante as férias de verão em Hebronville, possivelmente a capital mundial de melancia, visto que campos intermináveis de frutas circundam a cidade. Desde os 15 anos, eu fazia o trabalho extenuante de ficar agachado em meio à plantação empoeirada o verão inteiro debaixo de um sol escaldante. O caminhão dos trabalhadores chegava na minha casa às 6h da manhã e deixava a equipe, composta em sua maioria de imigrantes mexicanos, nas fazendas próximas e só retornávamos às 8h da noite.

Em média, as melancias pesavam de 4,5 a 7 quilos e, quando o verão acabava, eu tinha braços parecidos com os do Popeye. Não raro, eu esbarrava com cascavéis que gostavam de se esconder debaixo das melancias para se refrescar do sol. Nunca fui picado, mas cheguei perto. Quando uma delas tentou me atacar, joguei uma melancia nela e a esmaguei até a morte. Até hoje não consigo comer melancia e tenho fobia de cobras.

Aos 17 anos, fiquei tão bom no meu trabalho que, de colhedor, passei a cortador — parte de uma equipe de reconhecimento avançado, formada por trabalhadores mais velhos que vasculham os campos em busca de frutas mais maduras. Mais tarde, me tor-

nei empilhador e ajudava a carregar as melancias em uma carroceira — era um tipo de arte, uma vez que cada pilha tinha que ser uma camada perfeita de melancia e estar alinhada horizontalmente do chão até mais ou menos 2,5 metros de altura. Para cada carroceria que empilhava de melancia, eu recebia US\$300, e, como conseguia empilhar duas delas em um dia, meus salários eram recheados. Eu dava boa parte do meu dinheiro para a minha mãe e guardava o resto para comprar meu carro.

Naquele longo trajeto, à medida que me afastava do lugar que eu conhecia tão bem, chorei. Ao passar pelos campos de melancia; pelas escolas do ensino fundamental e médio, onde eu havia jogado futebol e beisebol; e pelo boteco da esquina, onde tomei minha primeira cerveja; chorei porque de algum modo devia saber que estava deixando minha juventude para trás. Quando acelerei rumo ao Norte pela rodovia US59, as lágrimas escorreram incontrolavelmente pelo meu rosto e embaçaram a minha visão. Pelo lado de fora da janela do meu carro, passavam os quilômetros de fazendas, os borrões de cowboys empoeirados montados em seus cavalos e seus rebanhos de gado. Eram como cenas de um filme de uma vida distante que se repetiam.

Passei por Houston e dirigi para o Norte até Huntsville, sede do Departamento de Justiça Criminal do Texas, que comanda todas as penitenciárias do estado para adultos. Alguém — não lembro quem — já a chamou de cidade empresarial à prova de recessão, porque a principal atividade econômica é abrigar criminosos.

Na realidade, a cidade tinha 38 mil habitantes e aproximadamente 7 mil deles trabalhavam no sistema prisional. Outras cen-